



Grupo Ticorítmos: práticas musicais, oficinas e avaliação

Ivy Anne Santos de Assis¹
UFU/MESTRADO
SIMPOM: *Educação Musical*
ivy_flauta@yahoo.com.br

Resumo: A presente comunicação vem apresentar resultados parciais de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia (PPGARtes/UFU). O Grupo Ticorítmos foi criado em 2008 no Centro de Formação da Criança e do Adolescente, uma Organização Não Governamental (ONG), denominada Divulgação Espírita Cristã, na cidade de Uberlândia-MG. A pesquisa de natureza qualitativa tem por objetivo geral compreender, por meio das narrativas das crianças e adolescentes, como avaliam suas próprias aprendizagens musicais desenvolvidas no Grupo Ticorítmos. Esta comunicação vem descrever a ONG, as práticas musicais do grupo e abordar alguns pressupostos teóricos da avaliação.

Palavras-chave: Aprendizagens musicais; Grupo Ticorítmos; Oficinas de música; Avaliação.

Ticorítmos Group: Musical Practices, Workshops and Evaluation

Abstract: This communication presents the preliminary results of a research conducted at the Master Program of Arts of the University Federal of Uberlândia (PPGARtes/UFU). The musical group Ticorítmos, founded in 2008, in the formation center for children and teenagers, an NGO named Divulgação Espírita Cristã, in Uberlândia-MG. The general purpose of this qualitative research is to understand the narratives of children and teenagers regarding the evaluation of their own musical learning in the musical group Ticorítmos. This communication describes the NGO, the musical practices of the group and some theoretical approach assumptions of evaluation.

Keywords: Learning musical; Ticorítmos group; Music workshops; Evaluation.

Introdução

A presente pesquisa tem como tema a avaliação das aprendizagens musicais a partir das narrativas das crianças e adolescentes do Centro de Formação da Criança e do

¹ Aluna orientada pela Prof. Dr^a. Sônia Tereza Ribeiro, colaboradora do Programa de Docentes Voluntários da Universidade Federal de Uberlândia atuando no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: sonia@ufu.br.

Adolescente da Organização Não Governamental (ONG) denominada Ticôte. Esta instituição, criada em 1994, atende 120 crianças e adolescentes no contra turno escolar desenvolvendo atividades de arte-educação e cidadania. Atualmente os instrumentos flauta-doce, percussão e canto coral compõem as oficinas de música, que deram origem ao Grupo Ticorítmos. O grupo desenvolve práticas musicais com repertório variado, e realiza apresentações públicas para a comunidade em geral representando a instituição. O interesse pela temática surgiu por estímulo pessoal, visto que, desde 2007 atuo à frente das oficinas de flauta doce. O processo de ensino aprendizagem neste espaço parte da imitação, da oralidade e da ação dos próprios alunos no exercício da aprendizagem coletiva. Esta experiência de aprendizagem não formal sempre me trouxe certa inquietação em compreender como as crianças e adolescentes aprendem música no grupo Ticorítmos, como avaliam suas aprendizagens e qual a relevância dessas aprendizagens para as mesmas. Isso sinalizou o caminho para que eu ingressasse no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFU com o interesse em compreender, através da pesquisa, como as crianças e adolescentes avaliam suas aprendizagens musicais que são contextualizadas no espaço social e cultural onde vivem e convivem.

As avaliações destas práticas musicais são realizadas de forma implícita quanto a execução das atividades. Durante as aulas, que posteriormente se tornam ensaios, são realizadas observações das atividades pelos professores de música. Tais observações conduzem a novas propostas metodológicas que reorientam a *performance* do grupo. As apresentações públicas do grupo são essenciais para a autoestima e motivação dos integrantes, bem como para ampliação da rede de sociabilidade construída entre eles e o mundo externo à instituição. O exercício da *performance* do grupo dá visibilidade à função social que a música desempenha na ONG Ticôte, envolvendo aspectos estéticos, éticos, colaborativos, entre outros.

As perguntas que orientam a pesquisa compreendem: Quais critérios são construídos pelas crianças e adolescentes para avaliar suas aprendizagens no Grupo Ticorítmos? Como as crianças e adolescentes avaliam os diferentes momentos de suas aprendizagens? Como as crianças e adolescentes reconhecem os conteúdos da linguagem musical?

Nesta perspectiva esta pesquisa tem por objetivo geral compreender, por meio das narrativas das crianças e adolescentes, como avaliam suas aprendizagens musicais no Grupo Ticorítmos. E por objetivos específicos identificar os critérios de avaliação construídos pelas crianças e adolescentes sobre suas aprendizagens, individuais e/ou coletivas nas oficinas de música do Ticôte; evocar os espaços de aprendizagem musical para além das oficinas de

música; entender como as crianças e adolescentes reconhecem os diferentes momentos de suas aprendizagens musicais (ensaios, apresentações, momentos livres, etc.) e entender como as crianças e adolescentes reconhecem os conteúdos da linguagem musical.

A pesquisa, de caráter qualitativo, opta pelo Grupo Focal como técnica de investigação. A escolha pelo Grupo Focal se deu em função das atividades do Grupo Tícorítmos, que coletivamente, partilham seus conhecimentos musicais com os demais participantes por meio da interação. Dada esta característica e a estreita relação com o objetivo da pesquisa, que busca compreender como as crianças e adolescentes avaliam suas aprendizagens musicais no Grupo Tícorítmos, é adequada a opção por uma técnica na qual as informações sejam obtidas através da “interação entre os participantes”, que permita “emergir uma multiplicidade de pontos de vista”, assim como respostas originais (GATTI, 2012. p. 9).

O estudo da aprendizagem não pode ser avaliado priorizando tão somente as apresentações musicais, pois se corre o risco de valorizar o produto em detrimento ao processo. E sabe-se que a avaliação em educação musical tem se mostrado como uma temática relevante frente às novas demandas que permeiam as práticas musicais em seus diversos espaços. No entanto, esta discussão é emergente quando direcionada ao espaço das ONGs. Assim, a pesquisa se justifica pela importância de obter informações acerca de como as crianças e adolescentes avaliam suas aprendizagens bem como abordam conteúdos e metodologias que possibilitem aos professores propor caminhos que orientem suas ações sociais, culturais e educacionais frente às demandas da contemporaneidade nos espaços das ONGs.

1. A ONG e o Grupo Tícorítmos

Segundo Oliveira (2003) as ONGs são instituições sem fins lucrativos, que em geral, são subsidiadas pela iniciativa privada ou por grupos sociais específicos, que atuam frente a população na tentativa de complementar a ação do Poder Público.

A Divulgação Espírita Cristã, entidade que carrega o apelido de seu fundador, Bitencourt Afonso Costa² [informação verbal], o Ticôte, criou o Centro de Formação da Criança e do Adolescente com o intuito de acolher as crianças e adolescentes do bairro Tibery, em Uberlândia-MG. Estes frequentam a instituição no contra turno escolar por opção dos pais e responsáveis, pois estes trabalham em tempo integral e temem por deixar seus filhos sozinhos em casa sem a supervisão de um adulto. Neste espaço são oferecidas oficinas de música (flauta doce, percussão e canto coral), informática, xadrez, artes visuais, dança, esportes, capoeira, teatro, línguas (inglês e espanhol); além de atendimento pedagógico e psicológico.

² Informação verbal obtida por conversa informal com a coordenadora da instituição Sônia Martins Costa.

O grupo Tícorítmos surgiu em 2008, com o intuito de nomear o agrupamento musical dos alunos da ONG que eram frequentemente convidados a realizar apresentações musicais em eventos e espaços diversos. O grupo possui uma prática musical peculiar em função da utilização de instrumentos confeccionados a partir da reutilização de materiais diversos como fontes sonoras e pela interação com instrumentos convencionais. A construção, reconstrução, e utilização dos instrumentos alternativos se deram a partir da experimentação, que resultou na inserção de galões, garrafas PET, antenas de TV, cabos de vassoura, latas de extrato de tomate, tubos de PVC, *mouses* inservíveis, e restos de cerâmica e de madeira.

A formação do grupo é variável e alguns aspectos são considerados pelos professores e a instituição Ticôte quando recebem o convite para que os alunos realizem apresentações musicais para a comunidade. O primeiro aspecto diz respeito ao turno da apresentação solicitada, pois se esta ocorrer no turno vespertino, a instituição forma o grupo de apresentação com a participação dos alunos do mesmo turno, e vice versa. Outro aspecto importante refere-se à resposta de aceite (ou não) dos pais ou responsáveis quanto à autorização da saída dos alunos da instituição para as apresentações. Esta autorização é entregue ao aluno, que a repassará a seus responsáveis e a devolverá preenchida à instituição. Sem o aceite dos responsáveis os alunos não acompanham o grupo. Por último, a instituição considera os meios de transporte disponíveis para o traslado do grupo uma vez que não dispõe de recursos para o deslocamento. Então, a quantidade de integrantes do grupo é proporcionalmente compatível com o transporte disponibilizado pelo solicitante.

Importante dizer que existe uma rotatividade constante na formação do grupo Tícorítmos. Para que a prática musical se realize efetivamente, os professores contam com a participação de alguns alunos, com maior experiência musical, chamados de multiplicadores. Esses multiplicadores tocam e cantam com as crianças e adolescentes. Com isso, se tornam peças chave para o trabalho musical do grupo oferecendo apoio aos professores e segurança ao grupo durante as apresentações.

Fundamental destacar que esta pesquisa também reconhece que as práticas musicais em ONGs estão vinculadas à prática social na medida em que englobam aspectos musicais e extramusicais, propiciando aprendizagens e experiências através da interação entre os participantes. Para Queiroz (2005) a música entendida como expressão social

[...] tem trazido novos (re) direcionamentos para o ensino musical levando-nos a compreender as práticas da música como manifestações complexas de saberes que transcendem a estética estrutural e o desenvolvimento de habilidades para a execução. (QUEIROZ, 2005, p. 58).

2. Práticas musicais e oficinas de música

As práticas musicais desenvolvidas na ONG estruturam-se na forma de oficinas que se distinguem metodologicamente de acordo com a faixa etária dos alunos. As oficinas são ministradas separadamente, com carga horária semanal de seis horas, distribuídas entre seis turmas, sendo três turmas do período matutino e três do período vespertino, com quantidade de alunos variando entre 15 e 25.

As oficinas configuram-se como uma metodologia de ensino que se fundamenta no “aprender fazendo” (CAMPOS, 1988) a partir de um planejamento flexível que esteja ao encontro com a prática coletiva de construção dos conhecimentos. Em educação musical, estas oficinas privilegiam a experimentação e a vivência dos fenômenos sonoros em sua totalidade e se referem práticas de diversas naturezas. O estímulo à criatividade, à percepção, ao desenvolvimento de habilidades e à autonomia são inerentes à vivência dos aspectos teóricos da prática musical que são materializados na *performance*.

De acordo com o Plano de Trabalho³ da instituição são objetivos das oficinas de música: potencializar o número de multiplicadores do projeto, transmitindo a experiência e os conhecimentos adquiridos; contribuir para a manutenção da disciplina e estímulo do trabalho em grupo; evidenciar os talentos potenciais de todas as crianças e adolescentes; estimular todos os envolvidos a desvendar o mundo do som e da criação que os cerca; construir os instrumentos musicais a partir de material reciclado; organizar apresentações direcionadas à família e à comunidade; garantir que a criança e o adolescente não estejam em situação de risco pessoal e social.

Tais oficinas vêm sendo viabilizadas por meio de parcerias, como: Universidade Federal de Uberlândia, Projeto “*TIM ArteEducação*” (2007 a 2009), contemplando oficinas de flauta doce e percussão; Lei Municipal de Incentivo a Cultura da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, através dos projetos “*Som e Movimento*” (2010), com oficinas de flauta doce, violão, percussão e dança; “*Cirandarte*” (2011) e “*Ticorítmos*” (2012) ambos com oficinas de flauta doce, violão e percussão.

Essas parcerias, associadas ao engajamento dos profissionais e coordenadores da ONG, culminaram na consolidação da tradição musical da instituição e por consequência contribuíram para o surgimento e permanência do Grupo Ticorítmos. Ao longo de sua existência, o grupo realizou inúmeras apresentações musicais com o intuito de demonstrar

³ Divulgação Espírita Cristã. Plano de trabalho. Uberlândia, 2014.

parte do trabalho desenvolvido nas oficinas, além de promover a autoestima e a motivação de seus integrantes. Por isso, a atribuição da denominação Grupo Tícorítmos nessa pesquisa como a prática musical coletiva resultante da junção das oficinas de música da ONG Ticôte.

Atualmente as oficinas são mantidas com recursos da própria instituição, e temporariamente, a oficina de violão foi substituída pela oficina de canto coral. Isto se deu pela saída do professor de violão e pela falta de disponibilidade de outros profissionais que possuíam perfil⁴ para atuar na instituição. A inserção do canto coral era um sonho antigo dos demais professores que vem contribuir para a ampliação das experiências musicais dos alunos e agregar valor ao repertório do grupo.

Todos os alunos frequentam as três oficinas, que normalmente acontecem em dias separados, mas que possuem como fio condutor atividades voltadas para a formação de repertório do grupo. Sendo assim, os alunos vivenciam, no momento das respectivas oficinas, todo o processo de construção, adaptação e execução dos arranjos de cada instrumento, o que contribui para que na ausência de determinados integrantes outros tenham a possibilidade de assumir sem prejuízo à prática musical do grupo. Os alunos do turno da manhã só se encontram com os do turno da tarde no momento das apresentações.

Os conteúdos das oficinas são flexíveis e emergem da prática, perpassando pela vivência de aspectos técnicos musicais, tais como postura, sonoridade, dinâmica, dedilhados, respiração, entre outros que serão aplicados na prática do grupo. Os professores possuem autonomia para conduzir suas aulas.

A leitura musical não se configura como um pré-requisito para a *performance* do grupo, pois esta, parte da vivência, da imitação, da oralidade e da aprendizagem coletiva para a construção dos conhecimentos. Os ritmos e as melodias são seccionados e transmitidos oralmente para cada grupo de instrumentos de forma a permitir que todos os integrantes tenham consciência da importância da ação coletiva e individual nas práticas musicais do grupo.

Os professores das oficinas trabalham em conjunto para criar, adaptar e arranjar as músicas que serão incorporadas à prática do grupo. Em geral os professores fazem composições que interagem em conformidade com as sugestões e intervenções dos alunos. Também podem ser escolhidas algumas músicas entre alunos e professores as quais entram em

⁴ De acordo com Almeida (*apud* PENNA, 2006, p. 38) “o bom senso, a humildade em reconhecer sua incompletude, o aprender com o aluno, a paciência, a tolerância, a responsabilidade, a preocupação com o social e o respeito aos alunos e à comunidade [...]” são destacados como habilidades intrínsecas ao perfil profissional do educador musical que atua em ONGs.

processo de experimentação e adaptação musical ao grupo. Nesse processo, são pontuadas as dificuldades dos alunos com os instrumentos, mapeadas a estrutura da peça, criados contrapontos com notas mais simples para os iniciantes (na flauta doce) e finalmente definido um padrão formal para ser utilizado na *performance*.

Portanto, o repertório configura-se das composições dos professores, da adaptação e participação dos alunos em algumas músicas populares. As músicas e ritmos brasileiros ocupam lugar de destaque na prática do grupo.

3. Sobre avaliação

A avaliação é aqui entendida como inerente à aprendizagem e ao conhecimento (Hadji, 2001), na medida em que se configura como uma ação que orienta a prática educativa, fornecendo dados empíricos utilizáveis na delimitação de mudanças e na proposição de resultados alcançáveis.

A avaliação em ONGs constitui-se como uma perspectiva emergente no campo da pesquisa em música abordada por Cunha e Carmo (2012) como forma de levantar informações relevantes para o aprimoramento da proposta metodológica. A revisão de literatura traz a avaliação em música discutida por Hentschke e Souza (2003), Menezes (2008), França (2010), Gonçalves (2010), Relvas (2013), Cruz (2012), os quais destacam sua contribuição para o processo de ensino aprendizagem. Frente à notável expansão das atividades musicais em ONGs autores como Kleber (2006), Oliveira (2003), Santos (2007) e Hikiji (2006) discorrem sobre o perfil do profissional que atua neste segmento, suas competências e habilidades, suas práticas e suas conquistas.

Os pressupostos de Perrenoud (1999) e Hoffmann (2005) ajudam compreender conceitos e concepções sobre avaliação educacional e buscar possíveis relações e transposições que sejam contributivas para a pesquisa. Perrenoud (1999) destaca a avaliação formativa como instrumento de regulação das aprendizagens, enfatizando que “a avaliação não é, em princípio, um objetivo em si, mas um meio de verificar se os alunos adquiriram os conhecimentos visados” (PERRENOUD, 1999, p. 71). O autor sublinha que:

A avaliação formativa participa da renovação global da pedagogia, da centralização sobre o aprendiz, da mutação da profissão de professor: outrora dispensador de aulas e de lições, o professor se torna o criador de situações de aprendizagem portadoras de sentido e de regulação. (PERRENOUD, 1999, p. 18 – grifo do autor).

Nesta mesma perspectiva, Hadji (2001) destaca

[...] uma avaliação formativa informa os dois principais atores do processo. O professor, que será informado dos efeitos reais de seu trabalho pedagógico, poderá regular sua ação a partir disso. O aluno, que não somente saberá onde anda, mas poderá tomar consciência das dificuldades que encontra e tornar-se-á capaz, na melhor das hipóteses, de reconhecer e corrigir ele próprio seus erros. (HADJI, 2001, p. 20).

E Hoffmann (2005) propõe a avaliação mediadora como forma de acompanhar o processo de aprendizagem, intervindo positivamente para assegurar que a aprendizagem seja concretizada.

Avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação esta que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento de todos os passos do educando na sua trajetória de construção do conhecimento. (HOFFMANN, 2005, p. 17).

Considerações finais

Nesta comunicação apresentei resultados parciais de pesquisa em andamento cujo objetivo geral é compreender como as crianças e adolescentes do Grupo Ticorítmos avaliam suas aprendizagens musicais. Para tanto descrevi alguns aspectos das práticas musicais do grupo, das oficinas e abordei pressupostos teóricos da avaliação. Ao longo da comunicação dei visibilidade à ONG Ticôte configurada como um espaço social de aprendizagem musical que possui uma dinâmica própria de aprender e fazer música. Abordei alguns aspectos das práticas musicais da instituição e das oficinas ali desenvolvidas.

Pude entender a inter-relação entre os objetivos da ONG com os objetivos das oficinas do Ticorítmos num sentido de convergência para a formação global dos participantes na instituição. Nesta perspectiva, concordo com Blacking (1995) quando registra que “fazer música é um tipo especial de ação social que pode ter consequências importantes para outros tipos de ações sociais” (BLACKING, *apud* QUEIROZ, 2005, p. 52).

A avaliação diz respeito a uma prática que está presente no cotidiano das aulas de música, no entanto nesta pesquisa busquei reflexões para fundamentá-la como formativa, capaz de renovar práticas pedagógicas, levar a conhecer os aprendizes e compreendê-la no âmbito de um processo avaliativo musical em ONG.

Referências

- CAMPO, Denise Álvares. *Oficina de música: uma caracterização de sua metodologia*. Goiânia: Editora UFG, 1988.
- CUNHA, Eudes Oliveira; CARMO, R. S. Educação Musical no terceiro setor: a avaliação de uma experiência a partir do olhar dos alunos. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 11.; 2012, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza, 2012. Não publicado.
- FRANÇA, Cecília Cavalieri. Dizer o “dizível”: avaliação sistêmica em música na escola regular. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 24, p. 94-106, set. 2010.
- GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber livro, 2005
- GONÇALVES, Susana Margarida Paula Camarinha de Oliveira. O processo da prática supervisionada: a avaliação na práxis da Educação Musical. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 2.; 2010, Braga. *Anais...*Braga, 2010. P. 28-39.
- HADJI, Charles. *Avaliação desmitificada*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- HENTSCHKE, Liane; SOUZA, Jusamara. *Avaliação em Música: reflexões e práticas*. São Paulo: Moderna, 2003.
- HIKIJ, R. S. G. *A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens*. São Paulo: Edusp, 2006.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Mediação, 2005. 35º ed.
- KLEBER, Magali Oliveira. *A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. 2006. 355 f. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- MENEZES, Mara. Avaliação em Educação Musical: construção e aplicação do Programa de Avaliação em Música (PAM). In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUÇÃO EM MÚSICA, 18., 2008, Salvador. *Anais...* Salvador, 2008.p. 213-217.
- OLIVEIRA, Alda de. Atuação profissional do educador musical: terceiro setor. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.8, 93-99, mar. 2003.
- PENNA, Maura. Desafios para a educação musical: ultrapassar oposições e promover o diálogo. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 13, 35-43, mar. 2006.
- PERRENOUD, Philippe. A avaliação entre duas lógicas. In: PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999, p. 9-23.
- QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. A Música como fenômeno sociocultural: perspectivas para uma educação musical abrangente. In: MARINHO, Vanildo Mousinho; QUEIROZ, Luís Ricardo Silva (Org.) *Contexturas: o ensino das artes em diversos espaços*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005. p. 49-65

RELVAS, Mário. Como avaliar as aprendizagens das práticas musicais em Educação Musical. In: ENCONTRO DO CENTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS EDUCACIONAIS, 6.; ENCONTRO INTERNACIONAL EM ESTUDOS EDUCACIONAIS, 1., 2013, Lisboa. *Anais...* Lisboa, Avaliação: Desafios e Riscos, 2013. p. 256-270.

SANTOS, Carla. P. Educação musical nos contextos não formais: um enfoque acerca dos projetos sociais e sua interação na sociedade. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUÇÃO EM MÚSICA, 17., 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongressoanppom2007/educacao_musical/edmusCP_Santos.pdf> Acesso em: 14 mai. 2014.